

Capítulo 1

Cegueiras da proximidade e da distância: notas metodológicas sobre a observação de cidades

No livro intitulado *Ensaio sobre a Cegueira*, José Saramago¹ imagina uma cidade onde os habitantes perdem a visão e por esse motivo são obrigados a reconstituir caminhos e mecanismos para a realização das tarefas mais simples: comer, andar, dormir e comunicar, de um modo geral. Submetidos, como deficientes coletivos, a esse caos inusitado provocado pela destituição das amarras protetoras da visão, experimentam uma situação de extrema desproteção.

Nesse contexto, uma redefinição das regras sociais e o restabelecimento das interdições necessárias ao viver em coletividade impõem-se. Os conflitos, ou os desacertos experimentados em circunstâncias dessa ordem, têm versões primárias. A busca de vantagens pessoais imediatas, ou as lutas pelo reconhecimento que ocorrem em situações sociais quotidianas, acentuam-se, deixando emergir os imperativos mais prementes do corpo.

Evidencia-se, em tais circunstâncias, a presença de uma série de sentimentos que são socialmente denegados em condições usuais de sociabilidade.

¹ José Saramago, *Ensaio sobre a Cegueira* (Alfragide: Editorial Caminho, 1995).

A situação extrema induzida pela cegueira produz, no entanto, um universo de significações opostas: a lucidez das percepções, que ultrapassa a experiência quotidiana de outrora. A cegueira física passa então a ser indutora de novas «visões» sobre a vida social.

A obra de Saramago segue a estrutura das suas produções, emblemáticas na reflexão e no estilo. Nela o que está presente é a vigência de uma situação absurda ou improvável, por meio da qual se torna possível extrair consequências para a vida real.

Aproprio-me, nas reflexões iniciais de abertura deste livro, da metáfora da cegueira brilhantemente construída por Saramago, associando-a à condição do conhecimento científico sociológico: o que é possível observar ou ignorar no decurso de experiências de pesquisa em grande parte realizadas em terras estranhas. Tateio, portanto, a dificuldade de domínio e conhecimento de códigos culturais não imediatamente acessíveis ao observador diante de espaços sociais inteiramente alheios ao seu quotidiano.

É com base nessa imagem literária que penso nas vendas permanentes do investigador da vida urbana quando se defronta com territórios desconhecidos. Superar os estereótipos e, ao mesmo tempo, aproveitar-me da condição intrínseca de estranhamento constituíram o desafio da pesquisa realizada em cidades estrangeiras.

A cidade desconhecida é para o pesquisador a antítese do porto seguro. Demanda múltiplas alternativas de deciframento, tendo em vista as formas plurais de sociabilidade e os movimentos que caracterizam a vida urbana contemporânea. Sob o registo da memória, os nomes presentes em monumentos, territórios e placas sinalizadoras imprimem uma geografia simbólica que vai além do sentido literal. Se as cidades podem ser consideradas como um texto em aberto (Geertz 1989), mais ainda essa plasticidade se revela quando se tornam objeto permanente de curiosidade para o observador, ou melhor, para a observadora.

O primeiro olhar do visitante a uma localidade desconhecida pode evocar uma condição de cegueira pela impossibilidade de filtro das impressões. Em tais circunstâncias, tudo passa a ser «observável», tornando-se potencialmente importante. O crivo da seletividade do conhecimento cede lugar ao excesso de estímulos pela presença do novo, em oposição à atitude *blasé* que Simmel² considerava própria e necessária ao morador urbano.

²Reporto-me ao texto clássico de Georg Simmel, «A metrópole e a vida do espírito», in *Cidade, Cultura e Globalização*, org. Carlos Fortuna (Oeiras: Celta, 2001), 31-43.

Imaginemos metrópoles como Berlim, Lyon e Lisboa nos seus quotidianos urbanos, no contexto da experiência de um primeiro olhar. A minha tentativa, ao fugir da condição de turista, era a de almejar o conhecimento do senso comum próprio do morador, a ele acrescentando um possível olhar sociológico de desnaturalização viabilizado pela crítica e curiosidade académicas.

O trânsito nessa via tortuosa da investigação foi também objeto de especulação de outros pesquisadores. Machado Pais³ destaca a positividade do conhecimento do passante urbano ocioso, que transforma as sensações do seu percurso na instantaneidade da captura das imagens, assemelhando-se aos quadros dos pintores impressionistas. A sociologia do quotidiano navegaria nessa busca de registo ao tentar explicar detalhes do contingente.

Contrapondo o «pesquisador viajante», identificado com as descobertas, ao «pesquisador turista» dos roteiros teóricos previamente definidos, Machado Pais considera a importância da sensibilidade associada a explorações enigmáticas: as coisas e suas formas de representação a exigirem um processo de descodificação.

A essa reflexão de Machado Pais poderia ser acrescentada a ideia de que a proximidade também induz cegueiras. Cidades como Fortaleza, cujos códigos, de tão conhecidos para mim, se arriscam a não ser vistos na sua complexidade, podem tornar a observação «cega de tanto ver», permeável às ilusões do já assimilado como evidente. Assim, olhar a cidade onde se mora pode induzir o desconhecimento do «já visto» e, por esse motivo, incorporado na paisagem perceptiva, isto é, naturalizado.

A evidência daquilo que se repete pode reduzir a curiosidade, induzindo o não estranhamento da observação: as vendas da visão experimentadas pelo cidadão comum.

O estranhamento do olhar familiar funcionaria, na versão antropológica, como regra a ser seguida, suscitando no investigador o cuidado com o etnocentrismo, sempre imperante nas impressões iniciais.

O que deixamos de perceber, pela intimidade quase sempre indutora do embotamento daquilo que designamos por «cidade real», é facto já bastante acentuado por antropólogos preocupados com a pesquisa feita por estudiosos na sua sociedade de origem.

³ José Machado Pais, *Sociologia da Vida Quotidiana* (Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, 2002).

Relativizar,⁴ portanto, a experiência de proximidade torna-se uma precaução importante, ou quase preceito indispensável a ser adotado por analistas da sua própria cultura.

A reflexão sobre as dificuldades ou impasses da observação remete também ao tema do estrangeiro em Simmel,⁵ figura emblemática que expressa o liame paradoxal entre proximidade e distância. Ele é o viajante potencial que não abandonou completamente a condição de ir e vir e se encontra historicamente corporificado no comerciante, aquele que precisa de se deslocar para a compra e venda de mercadorias, no momento em que a economia deixa de ser exclusivamente de subsistência. A tensão entre proximidade e distância está também exemplificada na situação do judeu descrita por Simmel, cuja obrigatoriedade de impostos o distinguia dos demais cidadãos.

O estrangeiro, na percepção de Simmel, tem um tipo de participação positiva específica no ambiente em que vive. Ele é supostamente mais livre, porque examina as relações sociais com menos preconceito, conseguindo manter a situação de distanciamento, por meio da qual exercita uma vivência de liberdade e capacidade de superar os particularismos.

O estrangeiro, na condição de afastado das amarras locais, poderia aproximar-se de um ideal de analista teórico em busca de uma situação de objetividade. Condição que não significaria ausência de participação, mas atividade motivada pelo controle das ruturas acidentais e das diferenças individuais subjetivas.

Aproprio-me dessa alegoria para pensar a condição de observação sociológica sugerida pela figura alegórica do estrangeiro. O pesquisador da vida urbana seria uma espécie de «turista na sua própria cidade», ou «observador estrangeiro» na busca de familiaridade com as cidades às quais não pertence.

A condição do *flâneur*, presente na alegoria de Benjamin, inspirou-me também a necessidade de percepção da sociabilidade urbana concebida à distância e figurada no passante que sente a multidão deslocar-se sem com ela se confundir.

⁴ V. Roberto DaMatta, *Relativizando, Uma Introdução à Antropologia Social* (Rio de Janeiro: Vozes, 1983), e José Guilherme Cantor Magnani, «De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana», *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 17, n.º 49 (2002): 11-29.

⁵ Georg Simmel, *El Extranjero: sobre la Individualidad y las Formas Sociales* (Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes Ediciones, 1971).

É contra a cegueira da totalidade amorfa que se posiciona a lupa indiscreta do observador, igualmente ciente do facto de que a unidade de uma cidade é também junção provisória de pedaços, cenários e momentos de vida social. Algo como a representação fotográfica presente na vista aérea a esconder os becos, as ruelas e os espaços protegidos naquele lugar que se nomeia de vida privada. Em síntese, as urbes são singulares e iguais a tantas outras, sugerindo a necessidade de construção de códigos de conhecimento.

De posse dessas considerações preliminares, é possível pensar sobre o carácter relativo do conhecer e a dupla face de processos simultâneos de apresentação e ocultação que caracterizam toda a investigação sociológica.

Transformar o aparente empecilho de observação das cidades em objeto de estudo constituiu a perspectiva que, aos poucos, se foi delineando no meu trabalho de pesquisa. Assim, o turista comum, personagem capturado pelas primeiras impressões da vida urbana, deixou de ser o modelo negativo da investigação, tornando-se ele próprio objeto a partir do qual verifiquei a construção e proliferação de narrativas sobre as cidades. Transformei, portanto, a tensão entre «cidade real» e «cidade imaginada» no próprio objeto de análise, considerando o fluxo das narrativas urbanas como elemento direcionador na coleta de dados.

O modo como a cidade se apresentava para outros, os turistas, tornou-se um ponto de partida que me permitiu adentrar no universo dos discursos e representações sobre as metrópoles em processos amplos de difusão de imagens. Assim, interessou-me ver Lisboa, Berlim, Lyon e Fortaleza, não exclusivamente nos seus processos sociais quotidianos, mas tal qual eram apresentadas, como cidades que tentavam constituir-se em polo de atração para os visitantes. Foi nessa perspectiva analítica que emergiu a ideia da cidade como narrativa.

Os imaginários, incluindo estereótipos e propagandas, passaram agora a fazer parte da pesquisa, tornando as representações e as formas de apresentação de cidades parte substancial do objeto de investigação. Nesse modo de formular o problema, algumas questões criaram diretrizes ao processo de investigação: quais as formas de apresentar e recriar cidades por meio de expressões narrativas presentes em guias e profissionais do turismo? Quais os contextos históricos de produção de narrativas e como se processam circularidades entre discursos, apropriações e rituais de uso do espaço urbano?

A tentativa de perceber as cidades na sua pluralidade de expressões e narrativas fundamenta o objetivo deste livro. Pretendo, ao longo dos capítulos, discutir o modo como algumas cidades se dão a conhecer, incorporando dimensões de espaço e tempo que aparecem em discursos, rituais de visitação e formas variadas de apresentação de monumentos feitas para moradores e visitantes.

Os guias turísticos, catálogos, postais, roteiros de visitação, profissionais que exercem o trabalho de mostrar a cidade, além de outros discursos e imagens que se integram num «circuito de apresentação do espaço urbano», servem de referência à estrutura geral do livro. As informações foram complementadas por entrevistas e observação de rituais marcados pela valorização de lugares, monumentos e museus que cumprem a função de condensar e validar elementos da chamada «memória cidadina».

As reflexões tomaram também como pano de fundo o cenário político-cultural das cidades, marcado pela presença cada vez mais forte de turistas atraídos pelos meios de difusão do ambiente urbano como lugar de curiosidade e consumo.

Lisboa, Berlim, Lyon e Fortaleza constituíram o laboratório que ensejou o desenvolvimento das principais ideias da pesquisa, cujo sentido não foi o de estabelecer comparações, mas submeter o objeto de investigação a diferentes possibilidades exploratórias, de forma a torná-lo mais denso e passível de descobertas ulteriores.

A perceção da maneira como as cidades são apresentadas através de evocações à memória, discursos e retóricas da espacialidade foi particularmente instrumentada pelo conceito de narrativa a ser desenvolvido na secção inicial do livro. Considerei as narrativas sobre as cidades como expressão de um conjunto de referências a lugares e monumentos entremeadas de «factos» e «histórias» veiculados por agentes especializados, também reiterados por moradores e visitantes.

O objeto de pesquisa nomeado «narrativas da cidade» também teve a sua própria história, percorrendo os itinerários académicos expostos a seguir.

Itinerários de um objeto

As observações sobre as representações da cidade compostas em narrativas e outras expressões discursivas não aconteceram de repente. Foram-se delineando inicialmente como uma espécie de «olhar à margem», gradativamente incorporado no que futuramente

se configurou como um «novo objeto de investigação». Na realidade, as escolhas de pesquisa, antes de apontarem uma direção linear e coerente, são também feitas de acasos, oportunidades, redefinições e opções nem sempre claras desde o início.

As alusões à cidade presentes em momentos eleitorais municipais sinalizaram o meu primeiro olhar sobre o espaço urbano como instância de representação simbólica. No âmbito de campanhas políticas realizadas em diferentes cidades do Nordeste do Brasil, os candidatos prometiam benefícios para a cidade, sendo ela apresentada por meio de imagens que se opunham, balizadas pela concorrência. Uma das maneiras de falar da cidade referia-se ao aspeto problemático da vida urbana, acompanhado de críticas às desigualdades sociais ou à ineficácia de serviços públicos, além da carência de moradia. Contrários a essa versão, os postulantes a cargos de representação ligados à situação apresentavam a cidade modificada por intervenções realizadas e obras que «necessitavam de continuidade».

Um passado problemático e/ou um futuro promissor pareciam compor a lógica discursiva dos pleiteantes municipais, interessados em expor estratégias de persuasão e adesão.⁶

Num segundo momento de incursão no tema de investigação, as imagens alusivas à cidade passaram a integrar um escopo mais abrangente e menos recortado no tempo. Sob o tema das narrativas da cidade abrigaram-se explicações dispersas não restritas ao momento eleitoral, incorporando visões de intelectuais, jornalistas e gestores sobre as transformações de metrópoles como Fortaleza.

A cidade, como local indutor de representações, ao longo do tempo, teve outros acréscimos teóricos e empíricos realizados com base na observação da maneira como o passado e o presente eram evocados em propostas de valorização do património com acenos à criação de zonas de preservação histórica em Fortaleza.

Posteriormente, a oportunidade de realizar estudos em Berlim, em 2001, através da bolsa de estudos Capes/DAAD, ampliou o escopo da investigação. A capital da Alemanha, marcada no passado pela contingência de disputas ideológicas entre memórias, viabilizou uma incursão interessante sobre o tema das narrativas. Apresentar Berlim aos visitantes no momento de abertura da Alemanha ao resto da Europa, após a queda do muro, ensejou discursos que passaram a

⁶ Explorei essa ideia numa pesquisa sobre as campanhas eleitorais municipais, da qual resultou o artigo «A cidade em *close up* – imagens e apropriações do espaço em campanha eleitoral», *Sociedade e Estado*, XIII, n.º 1 (1998): 135-162, Brasília.

fazer parte das estratégias de exportação de imagens, enriquecendo a temática da investigação.

A pesquisa sobre as narrativas de cidades prosseguiu com novos acréscimos, tendo como suporte o acordo Capes/Cofecub, realizado em 2003-2004, entre a Universidade Federal do Ceará e a Université Lumière Lyon II (França). A investigação que realizei em Lyon voltou-se para analisar as representações de um bairro da cidade considerado histórico que havia passado por um processo de classificação patrimonial junto da Unesco. As narrativas registadas na ocasião atentaram a apresentação desse espaço urbano como expressão regional do património europeu, significativo na história do continente.

Em Lisboa, um estágio de pós-doutorado efetivado em 2007-2008, por um período de seis meses, permitiu acrescentar e consolidar informações sobre as narrativas da capital portuguesa percebidas em diferentes dimensões. Impressos sobre a cidade (antigos guias e roteiros), assim como representações elaboradas por turistas sobre Lisboa e percepções sobre bairros específicos da capital portuguesa (Alfama) explicitadas por moradores deram fortes subsídios para o desenvolvimento e consolidação das investigações anteriores.

No decurso desse processo, a minha participação na Rede Brasil-Portugal de Estudos Urbanos, envolvendo a Universidade de Coimbra, a Universidade Federal de Sergipe e a Universidade Federal do Ceará, sedimentou um espaço institucional de amadurecimento teórico das ideias de pesquisa, oportunizando uma troca de reflexões e experiência entre pesquisadores. As práticas de apresentação da cidade e os discursos orquestrados em torno de uma racionalidade turística passaram assim a inspirar um lugar de pesquisa mais direcionado, aos poucos se agregando às incursões feitas na minha própria cidade, Fortaleza.

O tema referente à percepção da cidade como narrativa foi também subsidiado pela bolsa de pesquisa do CNPq, traduzindo, portanto, uma investigação de longa duração, entremeada por intervalos que, longe de arrefecerem a sistematização das observações, acrescentaram novos subsídios analíticos.

A pesquisa que deu origem a este livro partiu, portanto, da apresentação de cidades por meio de discursos e representações que designei por narrativas. O modo como elas sedimentavam usos e interferências no espaço urbano, associando-se a processos culturais e simbólicos, constituiu o principal marco de análise.

Este livro foi, finalmente, estruturado em segmentos não referidos à ordem cronológica das investigações. A primeira parte agregou a apresentação do objeto de investigação com a reflexão sobre o conceito de narrativa. A segunda parte foi baseada no exame de guias, catálogos e folhetos turísticos indicativos do modo como as cidades eram apresentadas aos visitantes. Retóricas da espacialidade, de natureza mais ou menos utilitária, associadas a estilos literários de cronistas, compuseram um conjunto de narrativas voltadas para a apresentação de espaços urbanos.

A circularidade entre as narrativas e as suas apropriações, tema tratado na terceira parte do livro, analisou discursos elaborados sobre as cidades por visitantes e profissionais dedicados à prática de roteiros turísticos. A ideia de circularidade foi tratada considerando-se a vigência de narrativas presentes na ritualidade dos roteiros de visitação, na produção e difusão de imagens cidadinas, a exemplo dos cartões-postais em Fortaleza.

A quarta parte do livro abordou momentos contextuais significativos na construção de narrativas. Nela foram enfocadas experiências concretas de efervescência de discursos baseados na defesa de espaços urbanos «ameaçados», contendo evocações a políticas de preservação do patrim nio.

A visibilidade de situações peculiares postas no cenário público por diferentes atores sociais, incluindo a imprensa, e a elaboração de programas de preservação propiciaram a observação de narrativas contendo representações sobre o passado e o presente e alusões ao futuro. Os «bairros históricos», em tal configuração, assumiam um caráter de metonímia, tornando-se meio de busca de uma totalidade cidadina.

Do ponto de vista das técnicas de pesquisa, a observação de cidades feita pela autora foi considerada um elemento fundamental de análise, estando associada ao uso de entrevistas, inquéritos e organização bibliográfica do material coletado, incluindo roteiros turísticos e trabalhos acad micos. Considerei na reflexão sobre o material da investigação a economia interna dos materiais impressos (linguagem, destinatário e autoria), verificando o artefacto literário de roteiros indicativos das narrativas de cidades.